

CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@adabr.com.br Telefone: (61) **3214-1176**

Verstappen em Brasília

Menos de 24 horas depois de concluir o GP do México em 3º, o atual tetracampeão de Fórmula 1, Max Verstappen, cumpriu a tradição de passar uns dias em Brasília antes do GP do Brasil, em 9 de novembro. Ele foi recebido pelo sogro, Nelson Piquet, pai de Kelly. Discreto nas passagens pela capital, costuma curtir a fazenda da família da esposa antes de correr em Interlagos. O holandês ocupa o terceiro lugar no Mundial de Pilotos (321 pontos). Lando Norris lidera com 357, e Oscar Piastri tem 356.

LOS ANGELES-2028

***Cada um por si,
o Brasil por todos***

VICTOR PARRINI

Quarenta anos atrás, o Brasil se orgulhou da Geração de Prata do vôlei masculino na Olimpíada de Los Angeles-1984. No passado, também celebrou pódios e pódios dos homens e das mulheres sob as batutas de Bernardinho e Zé Roberto Guimarães. Não esquecemos de “Magic” Paula, Hortência, Janeth e companhia com o inédito ouro mundial, que furou a bolha dos Estados Unidos e da União Soviética no basquete feminino. Oscar “Mão Santa” não ficou fora com a Seleção do passado. Futebol? Éramos conhecidos pela arte e respeitados. Hoje, vivemos um novo normal: esportes coletivos em baixa e protagonismo das modalidades individuais.

Não é preciso ir muito longe para justificar o novo normal do esporte brasileiro. No início do mês, a Seleção Brasileira masculina de vôlei, de Bernardinho, caiu pela primeira vez na fase de grupos do Mundial. Na Olimpíada de Tóquio-2020, sob o comando de Renan Dal Zotto, amargou o quarto lugar após a derrota contra a Argentina na disputa pelo bronze. O que parecia ruim ficou pior em Paris-2024, com a queda nas quartas de final para os Estados Unidos. Não ficávamos fora de uma semifinal há 24 anos, ou seja, desde Sydney-2000. O feminino tem resultados menos constrangedores, mas está em jejum de títulos. O bronze na Liga das Nações desta temporada e a prata no Mundial contra a Itália não saciam. Orquestrado por Zé Roberto Guimarães desde 2003, o vôlei do Brasil não conquista medalha de ouro com elas nos torneios mais relevantes do cenário desde 2017, quando abocanhou o extinto Grand Prix.

O futebol masculino também preocupa. Fora dos Jogos Olímpicos de Paris-2024. Eliminada por Israel nas quartas de final do Mundial Sub-20 de 2023. Humilhada pela Argentina com goleada sofrida por 6x0 no Sul-Americano e despachada novamente do Sub-20 e, pela primeira vez, na fase de grupos, neste ano. A pressão vem do desempenho da versão principal da Amarelinha. Na Copa do Mundo de 2026, o jejum de títulos entre o tri, em 1970, e o tetra, em 1994, será igualado e com possibilidade de novo recorde negativo estabelecido.

As bolas da vez são as modalidades individuais. Prodigio do tênis, João Fonseca faturou, em fevereiro, o ATP 250 de Buenos Aires e, no domingo, o ATP 500 da Basileia. Os resultados o catapultaram ao 28º lugar do ranking, tornando-o o sétimo brasileiro a figurar no top 30 do mundo. Rayssa Leal encanta no skate. Yago Dora conquistou o título inédito da World Surf League e manteve o protagonismo do Brasil, campeão de oito das últimas 11 edições. Caio Bonfim

leva o nome de Brasília e bandeira do país aos lugares mais altos das competições mais nobres da marcha atlética, como no Mundial de Tóquio, há um mês. Os 400m com barreiras se acostumaram com Alison dos Santos, o Piu, entre os destaques. Hugo Calderano mudou o olhar do mundo para o tênis de mesa verde-amarelo. Em 2025, faturou a Copa do Mundo e foi prata no Mundial. O taekwondo vive uma jornada iluminada com dois campeões do mundo no torneio

realizado na China — Maria Clara Pacheco e Henrique Marques. O triatlo tem em Miguel Hidalgo, vice do Circuito internacional, o grande expoente. Isso sem contar Rebeca Andrade (ginstica artstica), Isaquias Queiroz (canoagem velocidade), Bia Souza (judô).

Especialistas ouvidos pelo **Correio** apontam as explicações para essa realidade. Diretor de esportes olímpicos e membro da Geração de Prata do vôlei em Los Angeles-1984, Marcus Vinícius Freire

enxerga a queda dos times e ascensão das disciplinas individuais naturais no início de novo ciclo. "Quase todos os esportes coletivos do mundo inteiro fazem transição de geração. É normal os coletivos testarem muito mais gente. O Bernadinho e o Brasil, pela primeira vez, foram eliminados na fase de grupos do Mundial, assim como a França. É um ano em que isso acontece com frequência", analisa.

Para o dirigente rubro-negro, as modalidades “solo” têm o benefício

de um calendário intenso e sequência de competições. "É exatamente o oposto. O individual não para, há sempre uma tentativa de continuar, porque a substituição ocorrerá. No individual, é importante porque são projetos segregados. Você não vê um grande trabalho. Você vê bons atletas que fazem uma evolução e continuam naquele formato de treino e competição. O importante para eles é competir entre os melhores e, com a manutenção do financiamento. O individual com a continuidade você vai sempre melhorando resultados, diferentemente da troca de geração dos coletivos", desrincha.

Presidente do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), com mais de 1.500 instituições filiadas, Paulo Maciel rechaça a diferença no tratamento entre as modalidades. "O protagonismo das individuais não é uma lacuna deixada pelos coletivos, mas sim o resultado de políticas esportivas estruturantes e contínuas de investimento dos diversos atores e entidades que compõem o esporte brasileiro. No CBC, por exemplo, não há diferença de modelo: nossa política é 'Universalizar a Formação de Atleta'", destaca.

Chefão da World Surf League para a América Latina, Ivan Martinho se orgulha da modalidade na crista da onda com protagonismo brasileiro e acredita que os coletivos podem aprender com a entidade. “Um ponto fundamental é a gestão de liga independente, com formato padronizado, calendário bem definido e uma narrativa que conecta as etapas entre si. O surf mostrou que é possível criar relevância sem depender de grandes centros urbanos ou estruturas tradicionais. Com gestão moderna, identidade clara e conexão com a cultura local, o esporte se transforma em plataforma de impacto”, ressalta o presidente.

Judoca campeã olímpica em Paris-2024, Beatriz Souza acredita que esse é apenas um momento do esporte brasileiro. “É um processo. Ninguém vive momentos ruins por muito tempo. Há um equilíbrio, são fases, temos muitas transições acontecendo com, galera nova evoluindo e indo para o adulto. Fica essa mistura de grandes experiências com os mais novos. Acredito que isso pode impactar de alguma forma na construção de equipes. Conforme o tempo vai passando, vão se entrosando, e os resultados acontecendo”, observa.

TAEKWONDO

Henrique Marques: da arritmia cardíaca ao inédito ouro mundial

Henrique Marques aproveitou o “boom” do Brasil nas modalidades individuais e a porta aberta por duas mulheres para se tornar campeão mundial de taekwondo, ontem, em Wuxi, na China. Inspirado em Natália Falavigna — vencedora em 2005 — e Maria Clara Pacheco — absoluta na sexta-feira —, o talento nascido no Rio de Janeiro em 11 de março de 2004 brindou o país com a medalha de ouro inédita ao derrotar o chinês Qizhang Xiang na categoria até 80kg.

A conquista é a 25ª do Brasil em Mundiais da modalidade.

com três ouros, oito pratas e 14 bronzes. A edição de 2025 não terminou, mas é especial, pois marca a primeira vez do país com dois ouros na mesma temporada. “Estou muito feliz com a minha conquista. Quero agradecer demais à Confederação Brasileira (de Taekwondo) por todo suporte, todo apoio, que vem fazendo comigo e todos os atletas da seleção. Sem eles isso não seria possível. Muito obrigado”, agradeceu.

A história de Henrique no taekwondo começou a ser escrita aos oito anos. A primeira por-

ta aberta na modalidade foi por um projeto social em Porto de Caixas, na periferia de Itaboraí. O mundo da luta era algo novo para o jovem que desejava viver do futebol. A escolha pelas artes marciais mostrou-se certa aos 15, com o título brasileiro nas categorias de base.

O ouro também é um brinde à superação. Em 2023, o filho de Roseane e Ari foi diagnosticado com arritmia cardíaca e submetido a uma cirurgia. Pensou em se aposentar, mas foi resiliente e disputou os Jogos Olímpicos de Paris-2024 na temporada seguin-

te, quando alcançou as quartas de final do megaevento.

O Mundial de Taekwondo de Wuxi é disputado até 30 de outubro, com seis brasileiros em disputas por medalhas: João Victor Souza Diniz (até 68kg), Milena Titoneli Guimarães (até 67kg).

Paulo Ricardo Souza de Melo (até 58kg), Celydiene Kristina Carneiro (até 62kg), Edival Marques Quirino Pontes, o Netinho (até 74kg) e Nívea Maria Barros da Silva (até 53 kg). Bronze em Paris-2024, Netinho é outra esperança de medalha. O canal

da World Taekwondo (YouTube) transmite toda a competição, enquanto o SporTV leva as emoções das semis e finais.

Henrique conquistou o ouro ao vencer o atleta da casa Qizhang Xiang na final. Após abrir vantagem com um chute no colete e fechar o primeiro round por 2 x 1, o brasileiro manteve a postura ofensiva no segundo round e garantiu a vitória, apesar do empate por 0 x 0 em pontos.

Outras quatro lutas foram necessárias para coroar Henrique campeão. A trajetória começou contra o cubano Kelvin Calderón, passou nas oitavas de final por Faysal Sawadogo, de Burkina Faso, e encontrou o americano CJ Nickolas nas quartas. A semi foi um dos maiores desafios, em três rounds, contra Artem Mityaev, russo que compete sob bandeira neutra. (VP)